

Fábio Bruno quer

Cidade

16/2/86, DOMINGO • 17

tirar metas do papel

Antônio João

Pela primeira vez, depois de muitos anos, foi escolhido para dirigir a Secretaria de Educação e Cultura no Distrito Federal, um professor, dedicado exclusivamente ao magistério. O professor Fábio

Bruno está em Brasília há vinte e cinco anos e inclusive foi diretor do Sindicato dos Professores por duas vezes antes de 64. O novo secretário acredita que as mudanças estruturais implantadas por seu antecessor, Pompeu de Sousa, são uma base para ser desenvolvida. Realizar na prática estas metas consignadas no papel será uma meta que ele procurará atingir com a colaboração de todos os envolvidos no processo educacional, desde os professores nas salas de aula aos outros funcionários que ocupem função de direção. Ele demonstra otimismo e considera que todo processo de mudança é lento. Para ele, a Nova República tem apresentado algumas facetas relevantes, como o fato de se ter um professor dirigindo o ensino e permitindo que quem realmente conhece os problemas deste setor possa botar em prática os conhecimentos adquiridos durante anos a fio no exercício do magistério.

JBr — Em que medida sua experiência anterior como diretor-executivo da Fundação Educacional do DF pode influir na sua atuação à frente da Secretaria de Educação?

F.B. — A passagem pela Fundação é uma grande escola para se adquirir a consciência da realidade educacional de Brasília, das suas grandes dificuldades físicas e de recursos humanos e também para se ter uma exata dimensão do trabalho árduo que será preciso desenvolver e que será desenvolvido na Secretaria de Educação.

JBr — Considerando que este é um ano essencialmente político, o senhor vê a possibilidade de mudanças significativas a nível de política educacional?

F.B. — A mudança já está estruturada. A administração escolar foi amplamente modificada com a criação do Conselho Diretor nas unidades, do qual participam obrigatoriamente com representantes, as comunidades e alunos maiores de 18 anos. Também foram reformulados os currículos, uma reforma do ensino de base, do ensino supletivo, e foi introduzido em algumas escolas o tempo integral. Isto a nível de 1ª grau, no chamado Núcleo de Alfabetização (1ª e 2ª séries) principalmente na Zona Rural. E nas 5ªs a 8ªs séries em Taguatinga, temos cerca de 800 alunos em tempo integral. Também as relações de trabalho com os professores e funcionários foram amplamente democratizadas com a estabilidade no emprego, que sempre foi o anseio de todos os professores, como também foi dada a representatividade de delegados sindicais e constituídas várias comissões paritárias para estudar e propor soluções à Fundação Educacional sobre uma série de assuntos para a educação no Distrito Federal.

JBr — Como ex-sindicalista que agora ascende à condição de secretário da Educação, quais as perspectivas que com isso se abrem para as negociações salariais que se aproximam?

F.B. — As perspectivas evidentemente são aquelas comuns a todas as categorias de trabalhadores. Claro que com esta inflação com a qual estamos convivendo, os reajustes semestrais apenas mal conseguem acompanhá-la, mas os reajustes de 100% estão garantidos e houve uma reposição salarial de 46%, o que já prepara uma grande parte do caminho para as negociações desse ano. Nós temos alguns problemas para negociação relativos ao quadro de carreira. É um assunto muito técnico, mas ambos os sindicatos de classe estão conscientes e sabem que não é uma solução que se possa ser tomada isoladamente, pois ao mesmo tempo depende de setores especializados do GDF que tratam do assunto e que saberão evidentemente melhor do que nós analisar, em definitivo, a proposta que encaminharemos ainda durante

fevereiro, ou no mais tardar até a primeira quinzena de março, a Secretaria de Administração. Acreditamos que as conversações com ambos os sindicatos serão boas, positivas, descontraídas e democráticas, preservando sempre os interesses maiores da escola pública.

JBr — Quais as mudanças que o senhor considera ainda serem necessárias para que se tenha um ensino de qualidade no DF?

F.B. — O ensino da Fundação é um ensino de qualidade. Pode vir a ser ainda de melhor qualidade, e aí precisaremos enfrentar algumas questões imediatas e outras mais demoradas. O que se precisa fazer de imediato é uma revisão da carga horária dos professores, é a colocação dos professores substitutos para cobertura de faltas eventuais. No segundo caso, seria colocar na prática a nova estrutura, principalmente a nova estrutura que já implantamos, do Conselho Diretor nos estabelecimentos de ensino. O Conselho Diretor é formado por um diretor eleito, um diretor pedagógico e coordenadores, ou de atividades ou de matérias. Podemos chegar a ter até 8 coordenadores eleitos pelos seus colegas em cada uma dessas áreas de atividades. Ao mesmo tempo que os pais e os alunos com mais de 18 anos poderão ter também até oito representantes no Conselho. Isto faz com que a estrutura em equipe eleve a produtividade de cada um dos professores, mesmo porque esta equipe discutirá os problemas de cada um, e ela será a responsável mais direta pelo trabalho e resultados das suas áreas. Se por exemplo for detectado um problema no aprendizado, vamos dizer, de matemática, os professores dessa área se reunirão e vão procurar ver onde está o problema. Esta é uma experiência inovadora e estamos restabelecendo com algumas melhorias o que já se tentava fazer em 64 no Elefante Branco, no CIEM e no colégio particular Prémio Universitário entre os anos de 71 e 74.

A presença dos pais também é importante, pois eles saberão exigir quando não estiver ocorrendo o aprendizado. Evidentemente que existem outros problemas, como falta de salas de aula, dificuldades de manutenção e conservação das escolas, espaço para o trabalho dos professores e alunos. Carências também influem, mas são uma realidade que nós temos que aprender a superar com maior criatividade.

JBr — O senhor foi citado muitas vezes como pessoa com pretensões políticas. Futuramente o senhor pretende concorrer a algum mandato eletivo?

F.B. — Não. Não tenho nenhuma pretensão nesse sentido, muitas pessoas têm me indagado das minhas pretensões, mas eu não as tenho. O que tenho é um compromisso com o meu passado no sentido de ter condições de fazer alguma coisa de válido, de realmente básico para a educação no Distrito Federal. Sempre fui professor e as minhas atividades políticas também foram relativas. É evidente que num cargo de Secretaria a preocupação política, não só com o momento atual, como também com o futuro é constante. Mas gostaria de deixar configurado aos professores que a passagem do professor Pompeu pela Secretaria é realmente responsável por tudo que de inovador ocorreu durante estes dez meses, e nada pode ser mais renovador do que as mudanças estruturais podem permitir. O ano letivo de 86 deverá ser a 1ª etapa de funcionamento destas novas estruturas. É o magistério brasileiro, bem como as escolas públicas do DF ficarão devendo para sempre estas reformas empreendidas por ele. O que nos compete e também aos nossos colegas em sala de aula e aqueles em outras funções superiores na Fundação Educacional é trabalharmos juntos, com afinco, para que possamos levar à prática aquilo que consignamos no papel, no acordo coletivo e nas relações que hoje existem na Fundação Educacional, amplamente democráticas e descontraídas. Quero afirmar que sou um homem exclusivamente interessado em que a nossa passagem pela Secretaria corresponda às expectativas, dos nossos colegas, especialmente dos colegas de salas de aula, do governador do DF, e da comunidade escolar que conosco convive cotidianamente na construção de um ensino que seja para a formação de um cidadão democrático e competente.